

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL, RELIGIOSA E NOTICIOSA.

EDITOR E PROPRIETARIO JOSÉ MARIA DIAS DA COSTA, RUA NOVA N.º 3 E.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
5.º ANNO	Braga, 12 mezes. 1\$600
	» 6 » 850
	Correspondencias partic. cada linha 40
	Annuncios cada linha. 20
	Repetição 10

PUBLICA-SE
ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Provincias, 12 mezes.	2\$000
» 6 »	1\$050
» sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 716

D. JOÃO CHRYSOSTOMO DE AMORIM
Pessoa, por mercê de Deus, etc.

No mez de abril do proximo futuro anno de 1878 temos deliberado, ajudando-Nos Deus Nosso Senhor, fazer uma Ordenação geral; e para que ella seja feita com a costumada regularidade;

Havemos por bem Ordenar:

1.—Que os alumnos, que pretenderem receber Prima Tonsura, Ordens Menores, Diacono e Presbytero deverão requerer-Nos, instruindo seus requerimentos na forma do estylo, até ao dia 15 do proximo mez de dezembro;

2.—Que os exames serão feitos, segundo o programma já publicado com a Nossa Provisão de 18 de junho de 1875;

3.—Que os ordinandos, que se habilitarem para receber a Ordem de Presbytero, deverão fazer seus exercicios espirituales por tempo de dez dias continuos dentro do Nosso Seminario Diocesano;

4.—Que para as outras Ordens os exercicios espirituales serão feitos na forma costumada, na Capella d'esta Nossa Residencia, e deverão começar para todos os ordinandos no dia 25 de março de 1878;

5.—Que a Ordenação de Prima Tonsura e Menores terá lugar no dia 31 do mesmo mez; e a de Diacono e Presbytero será feita no dia 6 do mez d'Abril do mesmo anno;

6.—Que ficam em vigor as disposições da Nossa Provisão de 7 de junho do corrente anno, no que diz respeito ao processo de habilitação na Camara Ecclesiastica, antes da recepção das Ordens.

Dada e passada sob o Nosso Signal e sello das Nossas Armas em esta Nossa Residencia do Paço Archiepiscopal de Braga aos 12 de novembro de 1877.

Logar do X sello.

João, Arcebispo Primaz.

BRAGA—QUINTA-FEIRA 22 DE
NOVEMBRO DE 1877

A' Redacção do «Comercio do
Minho».

Londres, 11 de Novembro, 1877.

Essa praga infame e anti-Portuguesa que a Inglaterra e a Maçonaria foram despejar na honrosa Praia dos Ladrões, deve bater as palmas; pois tudo vae caminhando á medida dos seus desejos e dos d'este paiz, para termos a honra, dentro de poucos annos, de fazer uma provincia de Hispanha, perdermos a nossa nacionalidade, a nossa lingua, e todas as nossas Possessões fóra da Peninsula—todas não, engano-me, os nossos fieis aliados ham de ter a generosidade de nos deixar as *Berlengas*, tornadas então Hispanholas, até para compensar a Hispanha pelas Canarias e Filipinas, que tambem ham de vir para estes, e parte, quiçá, para a honrada Prussia.

Shipstone e Bartle Frere, os dois conscienciosos Representantes da Inglaterra Protestante (principalmente o segundo que foi a Zanzibar d'aqui, não ha muito, no intuito sobretudo de promover os interesses do Protestantismo) lá vam de vento em pópa preparando o cumprimento da propheta e annuncio do honrado Cameron (tão obsequiado por nossos Academicos d'agua-morna:—Que *os limites naturais da Colonia Inglesa do Cabo e o Zambezi*).—Isto porém, (que já implica necessariamente a *Englização* da nossa Lourenço Marques, Sofala, etc.), não é mais que um arranjo provisório; pois que,

chegadas as fronteiras do Cabo ao Zambezi, não tardará nada, ou tardará pouco, a passarem para além do rio, onde ha muito que aproveitar.

Ha mais de trinta annos já, eu li aqui n'um jornal Ingles, que era então o segundo em importancia, depois do *Times*, a cousa annunciada e aconselhada com a mais deliciosa frescura. O homem, que tinha ido *explorar* (este *explorar* é no sentido Portuguez; não no ridiculo que lá usam agora, traduzido asnamente do Francez *exploiter*)—tinha, digo, ido explorar miudamente as ditas nossas Possessões Africanas Orientaes, notado suas proporções, suas riquezas de toda especie—nos reinos animal, vegetal, mineral; expondo isso tudo em tres longos artigos (que fariam, impressos em separado, um bonito volume); e frescamente concluia por dizer:—que a Inglaterra devia apropriar-se aquillo, para ter alli outro Imperio que substituisse o da India, quando viesse a perdê-lo!

A' vista d'esta noção, parece-me facil de interpretar as verdadeiras tenções de Sir Bartle Frere e de seu Governo e nação, e do amavel Cameron.

A Maçonaria e a Inglaterra porém, de mãos dadas, juraram allviar a Peninsula Iberica do peso e incommodo de seus appendices possessões fóra da Europa; e com tal sem-ceremonia, que, em pleno Parlamento, Canning o declarou, dizendo:—que *achamara á vida o Mundo Novo*, para restabelecer o equilibrio do antigo.

Foi por isso mesmo tambem, que arranjou destruir depois do Imperio Hispanhol nas Americas, e o de Portugal, Brazil e Algarves. Esta maoteira d'elle porém, e a tolice dos Brasileiros em quererem antes com a *Dependencia Inglesa*, que uma *Independencia Luzo-Brazileira*, ou *Brazileiro-Luzo*; para Portugal fazia mui pouca ou nenhuma differença; se as nossas *Bestas Liberaes e pedreiras*, levantando-se no Porto, contra o voto da immensa maioria nacional, não se houvessem posto ás ordens da Inglaterra, para ajudal-a a destruir o Grande Imperio que Portugal ainda possuia, bem que n'um embrião magnifico, que as circunstancias favoraveis de toda especie, que a Providencia nos offereceu logo teria hoje um augmento, uma força, uma riqueza, adquirida já, e prespectiva, que só a Inglaterra podia comnosco competir.

Ella, que vê seus proprios interesses bem ao longe, favoreceu, como é sabido, de todas as maneiras, a *divisão*, a *desordem*, a *rebellião* em Portugal—ajudada, infelizmente, pelas incapacidades e loucuras do Governo d'El-Rei, especialmente, desde que o Duque de Cadaval sahio do Governo, e o imbecil Conde de Basto e sua gente ganharam o ascendente e predominancia.

Para podermos, porém, aproveitar o Imperio immenso e riquissimo que já tinhamos, e que podiamos ter e teriamos muitissimo maior, era-nos preciso gente e essa não podiamos fornecel-a de Portugal se não em pequena quantidade ou numero. Achamos, porém, felizmente, em Africa mesmo—que era onde tinhamos um Brazil, tão rico, tão vantajoso como o outro, e muito mais perto,—abundancia de material para fazer quanta gente que precisassemos.

Faltava só desbastal-a, affeiçal-a, polil-a—cathetisal-a, educal-a, isto é, *christianisal-a*.

Foi assim que nós, quando em Portugal havia gente com juizo, e não pedreiros metaphoricos, a governar e dirigir, adquirimos, creamos, formamos, ci-

vilizamos um Imperio que assombrou a Europa e o Mundo.

¿E quem nos formou e consolidou, e civilizou esse Imperio, e fez que nelle achassemos em geito até os elementos que só escacissimamente de Portugal mesmo podiamos fornecer? ¿Foi acaso a infame e egoistica Maçonaria?... Não; foi a Religião, foi a Igreja, foram os Frades, foram especial e principalmente OS JESUITAS.

Ahi vae toda a nossa desprezível Librangada franzir a tromba ou focinho pedreiro, por se lhe tallar em *Jesuitas*, de que ella propria nada sabe senão o nome e as calumniosas imputações a elles! Tendo na cabeça um Jesuita imaginario, inventado pela Pedreira cobardemente, e pelo medo que tem ao verdadeiro, a quem não é capaz de resistir em combate leal, e com as armas iguaes da logica, e da razão, e da verdade.

Foi por esses motivos e razões, que eu proprio, logo em 1828, concebi, e tive a fortuna de emular e fazer adoptar esse unico meio que tinhamos de possuir hoje um verdadeiro e immenso Imperio em Africa; o qual já ninguém nos disputaria. Tel-hiamos explorado, descoberto, civilizado em boa parte, descrito seu Interior, antes que Livengstones, ou Camerons, lá fossem. Teriamos tido 40 annos de adiantamento ou dianteira; isto em tempos em que os Ingleses occupados com as lutas e questões interiores dos 40 e tantos annos desde a morte de Canning—as lutas da Emancipação Catholica; da Reforma Eleitoral; das Reformas Municipaes; do Commercio Livre; da Guerra da Crimea; da Insurreição formidavel na India; da Abolição da Igreja Protestante na Irlanda—e mais meia duzia de grandes questões que eu podia enumerar, não tinha vagar de attender, como agora, ás cousas de fóra, e d'Africa principalmente. Perderam-se todas essas vantagens, porque a senhora asna Maçonaria quiz arruinar Portugal.

A. R. SARAIVA.

BIBLIOGRAPHIA

Theologia Moral em Quadros.

Utile est plures a pluribus fieri (libros) diverso stylo na diversa fide, etiam de questionibus usdem, ut ad plurimum res ipsa pervenit, ad alios sic, ad alios autem sic.

(S. August. L. I De Trin).

Ha livros cujo titulo indica a recommendação de os possuir, e manifesta a utilidade de os ler.

A *«Theologia moral em quadros»* do abbade Martin, tradusida pelo sr. dr. Seabra, é um delles.

Por ser a sciencia de todas as sciencias, a arte de todas as artes, como lhe chamou S. Gregorio Magno, a Moral é tambem a mais difficil de todas as sciencias, como disse S. Francisco de Sales.

Immensamente diversas como são as materias que abrange, profundamente positivas em grande parte as leis que comprehendem, infinitamente variaveis os casos que occorrem e a que tem de attender; quem hade desempenhar os multiplicados trabalhos do ministerio ecclesiastico, sobretudo parochial, sem prejudicar a applicação ao estudo da moral, tão vasto mas tão necessario?

Não faltam, é verdade, mestres seguros, guias saltares que ensinam a sanar as

conciencias, a dirigir e guiar as almas; faltava, porem, um estudo redusido e ordenado de modo que em menos tempo e com pouco trabalho recordasse os principios cuja applicação pratica é a cada passo urgente.

A *«Theologia moral em quadros»*, nitidamente impressa pelo sr. Chardron, sendo um estudo ordenado e methodico de todas as doutrinas theologico-moraes, é uma verdadeira synthese de profundos estudos feitos sobre aquella sciencia, que facilmente pôde ser consultada já pela ordem com que estão dispostas as materias. Já pela derivação logica de todas as questões, já pela clareza, simplicidade e até amenidade de estylo com que são tratadas todas as doutrinas de que se compõe o codigo dos actos humanos.

Redusido o que varios autores tratam diffusamente em intrincadas contraversias a doutrina formal e positiva, o abbade Martin applanou um dos mais escabrosos caminhos que o estudioso, quer principiante quer consumado, quer discipulo quer mestre, encontrava ao percorrer os tratados d'aquella sciencia.

As vantajosas tentativas de Goritia, Neyraguet, Busembaum, foram completamente realizadas pelo abbade Martin pela divisão de todas as questões moraes em quadros, que uma taboa analytica põe n'um abrir e fechar de olhos ao alcance de quem deseja consultar diligente mas proveitosamente, qualquer ponto da doutrina.

A selecta bibliotheca do clero illustrado emprehendida e continuada pelo incançavel editor de obras religiosas, o sr. Ernesto Chardron, ficou maravilhosamente enriquecida com a publicação em lingua vernacula da *«Theologia moral em quadros»*, do abbade Martin.

E se os poucos e desalinhadros traços bibliographicos que temos lançado em nosso jornal a respeito de todas as publicações religiosas editadas pelo sr. Chardron, não tem sido desmentidos pelo illustrado clero que dellas faz aquisição, cremos que estes não serão contraditos pela opinião que o zeloso ecclesiastico fizer em presença da leitura de tão excellente obra.

Depois do mal a caramunha.

Nós estamos bem certos que esta bancaria sem pés, de casas fortes sem metal, de interesses particulares, de impostura sem sciencia, porque a sciencia é modesta, hade acabar.

No norte já são quatro os bancos em liquidação, sendo a liquidação de tres voluntaria, e a d'um obrigada; ha mais tres em moratoria, não fallando nas casas-banquinhas, que liquidam por caso de força maior, outras que estão tambem em moratoria.

Depois da febre da criação, vem a reacção da liquidação; porque as primeiras entradas, ou o primeiro capital, foi empregado em papelada que pouco ou nada representa, e com a suspensão da continuação das entradas dos accionistas, que falliram uns de facto, outros de direito, com os capitales immobilizados não se pôde caminhar.

Não admira que as cousas chegassem a este estado deploravel. Os homens honestos eram, e ainda são hoje, repellidos quando se occupam d'alguma cousa séria, os traficantes reconhecidos são acolhidos, quanto tratam d'alguma espezteza, e as razões d'este acolhimento e d'aquelle desprezo são obvias, todos as conhecem.

Na formação dos bancos e companhias da ultima data houve exaggeração, especu-

lação de papelada, e poucas d'estas em-
prezas tinham uma razão justificada que
favorecesse a agricultura, a industria, e o
commercio, muito embora as apparencias
fossem essas.

Os miopes vêem o mal na lei das
sociedades anonymas, e até o «sabio» mi-
nistro das obras publicas veio do Porto,
na sua ultima viagem, capacitado d'isto,
porque estudou alli a questão a fundo com
os mestres notaveis d'aquella escola-mo-
dêlo.]

Temos pois a esperar mais algum dis-
parate depois de tantos, e será uma
maior desgraça que lei tão liberal seja
alterada e restringida porque alguns fini-
rios e ambiciosos souberam pescar nas
aguas que turvaram para melhor fazer a
caçada.

Attribuir á lei o que é só obra das
irreflexões d'uns, da toleima d'outros, e
da esperteza dos traficantes, não pôde
admittir-se. A lei é boa, deve conservar-
se, e convencam-se, que com a lição que
muitos levaram, cremos que de futuro
será executada com mais madureza.

Deus nos livre de voltar ao tempo em
que para se formar um banco ou compa-
nhia era preciso andar por todas essas
repartições, desde o governo civil até ao
ministro e parlamento, e que para se
obter era preciso, segundo conta a histo-
ria, gastar muito, dar acções beneficia-
rias, fazer muitos outros beneficios, que
são conhecidos das pessoas que conhecem
essas manobras, com que o sr. Corvo
acabou, e bem fez elle, que é progres-
sista de facto e não de palavras ocias
como os espantalhos, que tal se appelli-
dam.

O sr. Barros e Cunha ficará sem um
cabellino na sua respeitavel cabeça, se
tal faz; a sua calva já não é pequena,
mas ficará completa se cae na loucura de
em tal se metter. Não o cremos, porque
seria um acto injustificado, e que pôde
ser interpretado desfavoravelmente ao seu
credito, porque o facto realzado seria o
tirar a liberdade de todos para entregar
aos argentarios protegidos e poderosos,
todos os grandes negocios; porque elles
com o seu poder tudo podem conseguir
emquanto que aquellos que hoje tem li-
berdade de acção perdel-a-iam desde logo,
quando não bajulassem o poder, e fizessem
como se fazia nos bons tempos que já lá
vão, em que um deputado, por exemplo,
que se via mal, arranjava com os minist-
ros com quem estava em optima convi-
vencia, um banco privilegiado, que lhe
desse boa posição, e o pozesse bem.

Um prégador do Cassino, um orador
de S. Bento, um palrador do Chiado, não
seria capaz de atacar assim uma lei; que
digam lá o que disser, se trouxe males,
produziu primeiro bens, e hade produzir
ainda muitos outros, e os que querem
destruil-a são alguns que se aproveitaram
d'ella para se collocarem, e querem agora
com a restricção fazer reviver as difficul-
dades antigas, o monopolio, arredar a
concorrença, que sendo séria e bem diri-
gida é sempre util.

E o sr. Barros e Cunha que tem
sido um liberal, o palrador do Chiado, o
orador de S. Bento, e o prégador do Cas-
sino não querera perder tão grandes cre-
ditos, adquiridos em largo tempo, tornan-
do-se *cunha* que certos figurões empregam
nos seus trabalhos de destruição. Vejam
como disfructam a sua leviandade e tiram
d'ella todo o partido, como está aconte-
cendo com a celebre companhia *real* dos
caminhos de ferro portuguezes, da qual
muito breve nos occuparemos.

Porque os negocios lhe saíram tortos,
porque as liquidações não foram á sua
vontade, porque os gastos de muitos eram
(e são) superiores ás suas forças e lhe
trazem das difficuldades das necessidades
creacas, torna-se a culpa á lei das so-
ciedades anonymas, quando só devem tor-
nal-a á sua ignorancia, leviandade e am-
bição desmedida, porque ninguem se quer
limitar a uma miudaria, querem ser gran-
des e representar como senhores opulen-
tos, cada um quer ser um Crassus, final-
mente; mas no meio d'estes Crassus ridi-
culos se levantam sob as ruinas dos to-
los, os ricassos, que envergonhando-se
depois do seu berço, vão, apesar da sua
brutalidade, alguns, civilização apparente,
outros, pedir a commenda, o fóro, o ti-
tulo, para depois irem aos bailes do paço
e dançar com a rainha e damas da corte.

Excellent paiz dos brazileiros, dos
agiotas, dos espertos, de transcendentis
transformações, que fazem a admiração
dos estrangeiros, que sobre nós tem olhos
fitos, para nos admirar e julgar.

Nomeou-se uma comissão para conhe-

cer da crise; parvoice no caso, disseram
uns, troça aos tosqueados, disseram ou-
tros. Que pôde pais resolver esta sabia
comissão? Nada, apesar da sua filauca.

Era preciso apresentar estes amigos e
sabios mais uma vez na scena, como os
salvadores do commercio, como os ho-
mens unicos que tem cabeça para pensar
e para estudar, e no fim de tudo elles
nem estudam, nem sabem o que hão de
estudar, e como.

Porque são ricos? Porque são conse-
lheiros? Porque são directores de bancos
e caixas? Tudo isso nada vale.

O arranjar dinheiro, o ser rico por
qualquer circumstancia, mesmo o ser de-
putado, não é diploma de sabio, nem ha-
bilitação para tudo, e ás vezes por cousa
ou *cousissima* nenhuma

A fortuna nem sempre procura os ho-
mens de mais prestimo; ella é caprichosa,
e para ser rico não é preciso ser sabio,
nem saber muito, o que se precisa prin-
cipalmente é ser manhoso por natureza,
astucioso por arte, e pensar de noite no
que hade fazer de dia.

Já vae longo este artigo, mas ainda
se não disse tudo, e continuaremos a nos-
sa analyse em quanto durar a crise da
bota do sr. Manoel Gomes da Silva,
como continuação á das cautelas do sr.
Roriz.

Assim deve ser. O Porto e Lisboa uni-
das fraternalmente devem participar das
glorias e das magoas.

Assim seja.

Amen.

...

GAZETILHA

Desmentido.—Hontem o Exc.^{mo} e
Revd.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz, havendo
dirigido um telegramma ao Exc.^{mo} e
Revd.^{mo} Sr. Nuncio Apostolico, em que
pedia noticias ácerca da saúde do SS.
Padre Pio IX, pois que corria o boato
de que elle se acha em perigo imminente
de vida, recebeu em resposta outro tele-
gramma em que era desmentido tal boato.

Exequias.—No dia 27 celebrar-se-
hã, na igreja de Soutello, exequias por
alma de s. exc.^a revd.^m o sr. D. José
Joaquim d'Azevedo e Moura, arcebispo que
foi d'esta cidade.

Os revd.^{mos} snrs. dr. Lucio Antonio
da Costa, arceidiago de Vermoim e abba-
de de Soutello, e Manoel Fernandes Lopes,
arcepreste de Villa Verde, convidaram
para este acto todo o clero d'aquelle ar-
cyprestado.

Fallecimento.—Hontem de manhã
a V. O. Terceira conduziu para o cemi-
terio, o cadaver da esposa do sr. Ma-
noel Antonio da Silva Paredes, e irmã
do revd.^{mo} conego prior da freguezia de
S. Victor.

Acompanhamos na dôr a familia ano-
jada.

Exposição agricola.—O sr. mar-
quez de Vallada disse na penultima sessão
do conselho de agricultura que tenciona
promover uma exposição agricola, nesta
cidade, no proximo futuro anno de 1878.

Bom Jesus do Monte:
Esmolas de bemfeitores, prato e caixas
das capellas em setembro 127\$125
Idem em outubro 70\$015
Idem colhidas nas caixas do tem-
plo em 19 de novembro 151\$235
Idem obtidas pelos mordomos
ruraes, recebidas em outubro 20\$760
Idem de cera, liquidada em 4
d'outubro 47\$580
Productos de estampas vendidas
em setembro 193\$350
Idem em outubro 102\$140

712\$205

Audiencias geraes.—Foram julga-
dos os individuos seguintes:

Dia 21.—Joaquim Ferreira d'Oliveira
Veiga, da freguezia de S. Vicente de Pen-
so, accusado do crime de offensas corpo-
raes.—Condemnado a 30 dias de prisão,
sendo 20 remiveis a 200 reis cada dia
—Antonio Rodrigues Pedras, menor pu-
bere, da freguezia de Santa Eulalia de
Tenões, accusado do crime de offensas
voluntarias.—Absolvido.

Concursos.—O «Diario» de 18 do
corrente publica:

Aviso de que estão a concurso as se-
guintes igrejas parochias:

Albergaria (Santa Cruz), concelho de
Albergaria, diocese de Aveiro.

Brufe (S. Martinho), concelho de Villa
Nova de Famalicão, diocese de Braga.

Carvoeira (Nossa Senhora da Luz),

concelho as Torres Vedras, diocese de
Lisboa.

Castanheira do Vouga (S. Mamede),
concelho de Agueda, diocese de Aveiro.

Espinho (S. Pedro), concelho de Man-
gualde, diocese de Vizeu.

Gondezende (Nossa Senhora da As-
sumpção), concelho de Bragança, diocese
de Bragança.

Leça da Palmeira (S. Miguel), concelho
de Bouças, diocese do Porto.

Palaçoulo (S. Miguel), concelho de Mi-
randa, diocese de Bragança.

Pelariga (S. João Baptista), concelho de
Pombal, diocese de Coimbra.

Ramella (S. Pedro), concelho da Guarda,
diocese da Guarda.

Roças (Nossa Senhora da Conceição),
concelho de Arouca, diocese de La-
mego.

Villa Garcia (S. Thiago), concelho da
Guarda, diocese da Guarda.

Villa da Ponte (Nossa Senhora do
Amial), concelho de Sernancelhe, diocese de
Lamego.

Villariño dos Freires (Nossa Senhora
das Neves), concelho do Peso da Regoa,
diocese de Braga.

Premios da loteria.—A lista dos
premios que no estabelecimento de loterias
do sr. Lourenço Marques d'Almeida, no
Porto, se venderam na loteria de 16 de
novembro de 1877 é a seguinte:

Com 600 pesetas, ou 108\$000 reis
os n.^{os}:

2153, 2462, 6105, 7876, 8394, 11991,
12502, 12700, 13298, 14968, 16375.

Com 400 pesetas, ou 72\$000 reis
os n.^{os}:

1368, 4127, 4770, 4885, 8686, 12289,
16301, 16304.

Vandalismo.—Refere o «Diario Il-
lustrado» que o sr. Barros e Cunha con-
tinua a sua obra de destruição. Como to-
da a gente sabe, desde o escolar mais
pueril, o templo de S. Vicente de Fóra
é um monumento historico. Bulir n'um
monumento assim é profanal-o. O templo
de S. Vicente é visitado por quantos es-
trangeiros passam em Lisboa, porque não
ha roteiro da cidade ou compendio de
histeria pratica, por mais resumido, que
o não recommende á sua justificadissima
curiosidade. O sr. Barros e Cunha, in-
dignado contra esta admiração votada ao
sumptuoso edificio de S. Vicente, vae
mandar arrancar da capella môr, o throno
grande e as riquissimas cadeiras que a
guarnecem.

Mais uma victima das troças.

—No sabbado pelas 7 horas da tarde foi
agarrado e espancado por uma *troupe* o
sr. Tito Vespasiano C. Branco, resultan-
do-lhe uma fractura funda sobre o fron-
tal e uma ferida sobre a palpebra supe-
rior do olho direito. Dirigia-se o illustre
academico para casa d'uns amigos seus
residentes na Courega dos Apostolos, quan-
do foi agredido na rua da Esperança.
Este facto tem sido lamentado por toda a
academia que estima o sr. Tito, e por
toda a cidade onde conta muitos e bons
amigos. Os discolos nem ao menos obti-
veram a approvação dos seus discipulo-
los, escreve o «Tribuna Popular», de
Coimbra:

O maior queijo do mundo.—
O Canadá tem a honra de ter produzido
o maior queijo do mundo, um verdadeiro
queijo gigantesco.

Saiu d'uma fabrica de queijo em In-
gersoll e pesa 3,500 kilos. Tem um dia-
metro de 6 pés e 10 pollegadas, gros-
sura de 3 pés e circumferencia de 21
pés. Gastaram-se para a sua fabricação
35 pipas de leite fornecido por 7,000
vaccas.

Eduardo Malon.—Ha pouco o filho
unico do presidente do ministerio na Bel-
gica, sr. Eduardo Malon, recebeu no con-
vento do Jesuitas em Louvain a sagrada
ordem de presbyterato pelo Nuncio Aposto-
lico de Bruxellas, Mgr. Vanutelli.

Uma multidão de pessoas da mais alta
illustração e aristocracia assistiu á cele-
bração solemne, e Mgr. Vanutelli enthu-
siasmou a todos com seu bellissimo dis-
curso.

O sr. Eduardo Malon mostrou já
nos primeiros annos talentos extraordina-
rios. Por algum tempo professor em Liège
entrou na sociedade de Jesus, na qual
ha de trabalhar muito pela gloria de
Deus.

O joven sacerdote celebrou no dia im-
mediato a primeira missa, e o ministro
presidente recebeu das mãos do seu filho
a Sagrada Communhão.

Tunel do Tamel.—Dizem de Vianna
que os trabalhos do grande tunel do
Tamel estão muito adelantados, pois se lhe

falta o revestimento de pouco mais de
200 metros e no proximo mez de dezem-
bro deve a linha ser aberta á circulação
desde Darque, na outra margem do rio,
estando já promptas as estações do Darque
e Capareiros.

Nos primeiros mezes do proximo anno
deverá estar concluida a ponte sobre o
Lima, e então será o caminho de ferro
aberto á circulação até Caminha.

Curiosidade.—Um jornal america-
no relata um engraçado acontecimento:

Um argentario estava no seu escripto-
rio, fazendo contas, emmassando notas,
vendo quando terminava o prazo dos seus
credores, etc.

De repente apparece-lhe á entrada do
escriptorio um sujeito todo vestido de
preto.

O argentario estremeceu, e quasi lhe
dava um desmaio.

A custo perguntou-lhe o que queria.

—Matal-o, respondeu placidamente o
desconhecido, apontando-lhe uma pistola ao
peito.

O prestamista procurou tranquillisar o
personagem, e diz-lhe:

—Para que me quer matar?... Eu não
lhe fiz nada!

—Roubou-me, disse o homem vestido
de preto; e, ou me dá uma somma con-
sideravel, ou mato-o.

Depois de leve questão, o prestamista
entrega-lhe um masso de notas, para salvar
a vida.

Ao retirar-se, o homem de preto en-
trega ao usurario um bilhete, e retira-se,
e este, ao ler um bilhete, cabe e exclama:
patife!

O personagem que entrou era nem mais
nem menos que seu filho William, ausentê
ha muitos annos.

Eleições catholicas.—As noticias
da Prussia rhenana dizem que por toda
a parte, principalmente nas grandes cida-
des como Aixila, Capelle, Collogne Bonn,
Dusseldorf, Coblenca, as eleições comple-
mentares municipaes se fizeram em sen-
tido strictly catholicico. Em Bonn, o
resultado era duvidoso, os catholicos tiveram
uma grande maioria.

Parabola.—E' interessante e pro-
fundamente moral a seguinte parabola:

Pedro Tolo.—Vivia nos sertões um ho-
mem, chamado Pedro, que do mundo só
conhecia o seu arraial.

Veio-lhe aviso um dia da morte de
seu irmão, na capital, sem filhos, e de-
ixando-lhe boa herança.

Era-lhe pois mister emprehender uma
longa viagem, para apresentar-se e rece-
ber os cabedades do laborioso irmão, e com
os quaes teria elle descanso folgado para
o resto dos seus dias. Era a felicidade, em
summa.

Pedro fez a sua trouxa, enfiou-a no
cacete e, na madrugada grande, poz-se a
caminho.

Caminhou algumas legoas, e deu com
um grande rio que atravessava a estrada;
era a primeira vez que elle via um rio: só
conhecia enchurradas e lagôas.

Vendo agora esse rio tão grande e
profundo, disse lá para si:—oh! oh!
quanta agua! parece que choveu muito
por estas paragens, e lá por minhas bandas
tudo ardendo em secca! Bem tenho ou-
vido dizer que o tempo aqui é um e
outro n'outra parte, viajando é que se
aprende, bem dizia o comrade.... Mas
agora o que heide eu fazer? E' esperar
que se acabe essa grande enchurrada; ella
ha de seccar!

O rio fazia alli um cotovello, tinha
grande correnteza e o nosso pobre tolo,
fazendo estas reflexões, mais se capacitava
que a agua havia de passar toda, e o
córrego ficaria secco. N'essa esperança,
arreou a trouxa, sentou-se á sombra e es-
perou.

Havia n'essa passagem um homem que
vivia de passar os viajantes na sua canôa.
Vendo na margem o forasteiro, des-
amarrou a canôa, apromptou o remo e
perguntou-lhe:

—Quer Vmc. passar o rio?

—Quero respondeu Pedro, tenho de ir
receber uma herança muito valiosa.

—Pois então, retrucou o bom canoei-
ro, embarque-se na canôa, e vamos com
Deus.

—N'essa não me metto, eu, que não
tenho confiança nem em Vmc. nem na
sua canôa. Não tenho pressa, antes quero
esperar.

—Faça-lhe muito bom proveito, repli-
cou o bom do homem, sem saber o que
pensar d'aquelle singularissimo personagem
que, tendo negocio de tanta magnitude e
interesse, dizia: *Não tenho pressa!* Entre-
tanto, foram chegando outros viajantes,

mais ajuizados e prudentes que passaram na canôa, e seguiram feliz viagem.

Pedro admirava-lhes a temeridade, zombava até d'esse acto de confiança, e continuava a esperar que as aguas acabassem de passar, para elle atravessar então a seu gosto; mas o rio corria sempre.

Veio a noite e Pedro julgou melhor recolher-se a casa; voltou no dia seguinte e o rio continuava a correr; veio tres dias depois, e o rio sempre a correr.

—Decididamente ha aqui feitiço! Essa herança não é para mim: e desanimado, voltou, cedendo logo todos os seus direitos a seu primo João que, bem ajuizado como era passou o rio em canôa, recebeu a herança, e viveu o resto de seus dias em deleitosa felicidade.

O pobre Pedro ficou na sua cabana, curtindo misérias, passando fome, soffrendo mil tormentos.

Logo que se espalhou a noticia d'esta negociata, ficou aquelle pobre homem conhecido com o nome de Pedro Tolo.

E o certo é que maior parte dos homens estão no caso de Pedro Tolo, quanto á lembrança celeste. Temos todos em nosso caminho para o ceu a caudal torrente de nossas fraquezas e peccados, e é preciso atravessal-a na barca da Penitencia. O Sacramento da Confissão foi o santo meio que Deus deixou para sairmos victoriosos d'essas aguas de morte, e todavia a maior parte dos homens, a quem se offerece a canôa de salvação, respondem;

—Eu espero! volto amanhã... d'aqui a tres dias... d'aqui a um anno... e vem a noute eterna, e adeus herança; adeus felicidade!

Guerra do Oriente.—Os ultimos telegrammas relativos á guerra do Oriente, são os que seguem:

Londres 17—O «Standard» diz que o sultão exprimiu a necessidade de fazer a paz, mas que, desconfiando dos designios da Russia, continuará preparando a defeza. Este desejo do sultão foi communicado a Lavard, para a mediação. A Russia prosegue mobilizando tropas. Kars continua resistindo. O assalto foi adiado em consequencia do mau tempo.

Vienna 17—A Servia assegurou á Austria que as operações militares não tocarão na Bosnia. A Austria, de accordo com a Alemanha, acceitará a autonomia da Bulgaria com um príncipe christão mas não russo. A Russia exige a acção immediata da Servia contra Mehemet-Pachá.

Paris 18—Um despacho official russo annuncia que os russos tomaram de assalto a praça de Kars.

O combate começou hontem ás 8 horas da noite, e terminou hoje ás 8 horas da manhã.

Os turcos desalojaram a cavallaria russa, que havia occupado Berkowitz.

Depois de ter inspeccionado Nisk e Charkeni, Mehemet-Ali-Pachá, regressou a Sofia, sexta-feira.

Londres 19—Os jornaes inglezes commentam a tomada de Kars, a qual foi reviver a questão dos inglezes.

O general russo Skobleff ficou contuso em um dos ultimos combates.

Foram repellidos com grandes perdas os ataques dos russos contra Etropoli.

Ragusa 19—Os montenegrinos tomaram Spouz e occuparam todo o territorio nas cercanias até Albania.

Tiflis 19—O general Loris-Melikeff entrou em Kars no dia 11 da manhã de hontem.

O combate contra aquella praça começou na tarde de sabbado, sendo tomados varios fortes durante a noite e os restantes durante a madrugada.

Foram aprisionados 40 batalhões turcos na occasião em que procuravam fugir da cidade de Kars, todos os fortes, 300 canhões, bandeiras, munições, aprovisionamentos e todo o dinheiro cahiu em poder dos russos.

As perdas dos turcos foram de 5:000 mortos e feridos e 10:099 prisioneiros.

Londres 19—Tem havido varios combates dos postos avançados nas margens do Lom.

A Grecia comprou 25:000 espingardas e 10 milhões de cartuchos.

Os turcos levantam fortificações e concentram tropas na fronteira da Servia.

Foi preso em Berlim um polaco, suspeito de querer attentar contra a vida de Bismark e do imperador.

Paris 20—Um despacho de Gorny Dubnyk com data de 16, diz que a situação não mudou em Plewna; em conse-

quencia de Osman-Pachá ter reduzido as rações poderá sustentar-se ainda um mez.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Snr. redactor.

Lendo ha pouco em o n.º 21 do «Jornal da Guarda» uma bem elaborada correspondencia do snr. João Monteiro de Saccadura, de Malhada Sorda, na qual se encontra satisfatoriamente vingada a dignidade do exm.º dr. Francisco Manoel Martins Manso, governador d'aquelle bispado, contra a linguagem viperina d'um celebre anonymo, que em um artigo, publicado no «Diario da Manhã», ou-sava deprimir o caracter illibado d'aquelle sabio e virtuoso sacerdote, que, presidindo ha muito ao regimen d'aquella diocese, tem captivado a estima de toda a gente honrada, que se não eivou ainda com as falsas doutrinas dos pregadores infernaes, nem alugou a consciencia a mesquinhas paixões, julgava-me dispensado de pugnar em defeza da verdade, se fosse possível que aquelle illustrado jornal, achando-se ainda no seu começo, a lizesse penetrar em todos os angulos, onde se infiltrou a mentira.

São bem do dominio publico a coragem apostolica com que os snrs. Grainhas desposam a causa da verdadeira religião, e os progressos inauditos d'estes operarios evangelicos: á escassez d'outro criterio que nos leve a essa evidencia, é prova exuberante a perseguição que constantemente lhes fazem os proselytos de Satanaz, que desejam perpetuar os improperios e insultos com que os primitivos fariseus, de quem elles são dignos successores, escarneciam e immolavam a Innocente Victima do Calvario. Proseguindo sempre na violenta guerra aos snrs. Grainhas, como sectarios do Crucificado, em uma feliz lembrança, engendraram á já sabida e notoria trama de accusarem de solicitante a um dos snrs. Grainhas, com o iniquo fim de desvirtuarem o seu prestigio, e introduzirem a zizania na seara do Senhor. Como, porém, o perspicaz e imparcial ordinario, perante quem foi levada a delação, discernisse, qual outro Salomão, a malevolencia, não das duas mulheres que disputavam a maternidade da creança que vivia, mas d'uma infame, e provavelmente assalariada que queria produzir a artilosa cilada ariana contra este novo Athanasio, não se curvasse a ser instrumento da infrene e audaz impiedade: data d'aqui a vergonhosa sanha que o mascarado articulista alenta contra o seu meritissimo governador; é esta a causa que fez garatujar ao correspondente do «Diario da Manhã» o memoravel trecho que passo a transcrever do «Jornal da Guarda», á mingua de numeros d'aquelle «Diario» que não conta por aqui assignantes.

«Temos guardado silencio na questão da solicitação, que se discute no tribunal ecclesiastico d'esta diocese, não só para deixarmos toda a liberdade d'acção ao julgador, mas porque, tencionando, quando lór tempo, pedir certidão de todo o processo, teremos então elementos de apreciação mais seguros para formos bem ás claras a ineptia e principalmente a ignorancia (sic) do snr. Francisco Manoel Martins Manso, que nem ao menos sabe respeitar a legalidade (sic) na organização d'um processo simplicissimo».

E' obvio ao leitor o interesse directo que tal escrevinhador tomava na accusação do snr. Grainha; e quando uma parte litigante, vasia de justiça, vê mallograda na sentença do recto juiz a sua injusta pretensão, é motivo assaz ponderoso para acoiar de inepto e ignorante o julgador?... Que dislate!... O bestunço que dictou á sordida penna uma tão imprudente e calumniosa frase, admira como não fendera o craneo, tornando o chaminé, por onde fumegasse e vomitasse as lavas do ardente vulcão que lhe devora as entranhas!... Quem accusa de ineptia e ignorancia a um Ordinario, que tem instruido a sua diocese com orthodoxas e illustradas pastoraes, as quaes lhe tem granjeado o geral applauso, não só dos seus diocesanos, mas da imprensa catholica, bem manifesta a heterodoxia das suas crenças religiosas, e ao mesmo tempo um coração infatuado e impregnado de ciúme, ou, como justamente o appellida o snr. Saccadura, «ingrato doido de invejas e ebrio de vinganças».

São além d'isso multiplas as causas

porque o eximio dr. Manso tem concitado o odio do mencionado anonymo, e d'algum outro quejando, que formaram o *meeting*, que no dia immediato ao terceiro de junho ultimo, em que se celebrára o quinquagesimo anniversario episcopal do Grande Pio IX, fez amanhecer o pavimento das casas dos cidadãos egitanenses juncado de pasquins, nos quaes se continha a linguagem bodierna contra a igreja e seus ministros. Estes lucifugas que minam nas trevas a obra do Deus da luz, excogitam todos os meios para doestar o sabio Ordinario que não transige com elles; e que, apesar das arduas e frequentes occupações do seu difficil cargo, que desempenha com esmero, se dedica ao confissionario, e vigia incessantemente o rebanho, a elle committido: e oxalá podesse reconduzir ao redil do Senhor estas ovelhas desgarradas!...

Se a nossa diocese brigantina, que é actualmente regida pelo exm.º snr. Antonio Augusto Rodrigues, doutor habilissimo, não estivera expurgada de tão nefastos e execrandos anonymos, sem duvida o honroso merito de s. ex.ª, a sua acrisolada virtude, a sisudez e tino governativo que refulge em todos os seus actos, bem o constituíam á altura de ser igualmente vilipendiado por um tal sycophante; mas felizmente gozamos tranquilos a carencia d'esses vis sediciosos que inficcionam a sociedade, sendo cada vez mais reconhecida por todos a acertada escolha que o venerando prelado fizera d'este illustre cavalheiro, para n'elle delegar o governo da sua diocese. D'aqui felicitamos o augusto príncipe da igreja brigantina pela sabia resolução que tivera em se fazer substituir por tão dignissima pessoa, já que os seus padecimentos, que devéras lamentamos, o forçam a viver separado dos seus diocesanos.

Rematarei, pois, este já prolixo communicado, por cuja inserção no seu muito acreditado jornal desde já se confessa summamente grato este que se lisongea ser

De v. etc.

Bemposta do Mogadouro, 10 de novembro de 1877.

José Antonio Marcos Cordeiro (presbytero).

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de saúde,

REVALESCIÈRE

DU BARRY de Londres.

30 annos d'invariavel successo

2 Combatendo as indigestões (despepsia) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, bexigas, dizenteria, colicas, osse, atasma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetes, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue, 85:000 curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow, da ex.ª sr.ª marquez de Brehan, Lord Stuart de Dicies, par d'Inglaterra, o doutor e professor Wurzer, etc. etc.

Cura n.º 65:311.—Vervant, 28 de março, 1866.—Senhor.—Bemdito seja Deus! A sua *Revalescière* salvou-me a vida. O meu temperamento, naturalmente fraco, estava arruinado em consequencia de uma horrivel despepsia que durava ha oito annos, tratado sem resultado algum favoravel pelos medicos, que declaravam que alguns mezes de vida me restariam, quando a eminente virtude da sua *Revalescière* me restituiu a saude.—A. BRUNELIÈRE, cura.

Cura n.º 78:364.—Mr. e m.ª Leger, de doença do figado, diarrhea, tumor e vomitos.

Cura n.º 68:471.—Mr. Pierre Castelli, abade, de prostração completa na idade de 85 annos; a *Revalescière* remoçou-o. «Prégo, confesso, visito os doentes, dou grandes passeios a pé, e sinto o espirito lucido e a memoria fresca.»

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 15400

re s; de 2 1/2 kilos, 35200 reis; de 6 kilos, 65400; e de 12 kilos, 125000 rs.

Os biscoitos da *Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 15400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a *Revalescière chocolatada*; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 15400; de 120 chavenas, 35200 reis, ou 25 reis cada chavena.

DU BARRY & C.ª LIMITED.—Place Vendôme, 26, Paris. 77 Regent-street, Londres. Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguitas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao Depósito Central; snr. Serzedello & C.ª Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31, 32, Barral & Irmãos, rua Aurea, 12—Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia, 77.

DEPOSITOS ENTRE DOURO E MINHO.—Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.—Barcellos, Antonio João de Sousa Ramos, pharm., Largo da Ponte.—Braga, Domingos J. V. Machado, drog., praça Municipal, 17—Antonio A. Pereira Maia, Pharm., rua dos Chãos 31—Pipa & Irmão, rua do Souto.—Viana do Castelo, Afonso drog., rua da Picota; J. A. de Barros, drog., Rua grande, 140.—Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.—Antonio d'Araujo Carvalho, Campo da Feira, 1; José, J. da Silva, drog., Rua da Rainha, 29 e 33.—Penafiel, Miranda, pharm.—Porto, M. J. de Sousa Ferreira & Irmão, Rua da Banharia, 77; J. R. de Sequeira, pharm., Casa Vermelha; E. J. Pinto, pharm., Largo dos Loyos, 36; Viuva Desirè Rahir, Rua de Cedofeita, 160; Fontes & C.ª, drogs., Praça de D. Pedro, 105 a 108; Antonio J. Salgado, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 225 a 227.—Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—Póvoa do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.—Valença do Minho, Francisco José de Sousa, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

AGRADECIMENTOS

Joaquim Alves Matheus, tributa o seu cordeal reconhecimento a todos os cavalheiros e amigos, que lhe dispensaram a honra e o favor de suas visitas durante a sua ultima doença. Pede desculpa de o não fazer pessoalmente. (616)

O abaixo assignado, summamente penhorado para com todas as pessoas de sua amizade e relações, que lhe prestaram serviços, e o cumprimentaram por occasião do passamento de sua sempre chorada mãe, Anna Maria de Motta, a todos agradece por esta fórma, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, todas as provas de reconhecimento; bem assim agradece especialmente aos seus dignos collegas ecclesiasticos, que se dignaram celebrar missa e concorrer ao officio funebre que por alma da mesma teve logar na capella de Nossa Senhora a Branca.

A todos protesta sua inlelevel gratidão.

Braga 15 de novembro de 1877.

Padre Ambrozio Fernandes d'Araujo, (610)

Penhoradissimos pelos immensos obsequios que receberam durante a prolongada molestia e por occasião do fallecimento de seu filho, irmão e cunhado Antonio Maria de Magalhães Cruz, no dia 6 de outubro do corrente anno de 1877—veem os abaixo assignados testemunhar por este meio os seus agradecimentos e a sua inlelevel gratidão.

Antonio Polycarpo Cardoso Cruz
Francisca Amalia de Magalhães Cruz
Virginia Amelia Cruz Braga
Dulcideo Polycarpo Cardoso Cruz
Francisco Cazimiro de Magalhães Cruz
Augusto Cezar de Magalhães Cruz
Leonardo Antonio Ferreira Braga.

ANNUNCIOS



As juntas dos repartidores do Concelho de Braga, etc.

Fazem saber que a matriz da contribuição industrial, e o mappa de repartição e respectivas matrizes da contribuição predial se acham patentes na repartição de fazenda para quem as quizer examinar, e reclamar, a saber: a 1.^a desde 5 a 10 de dezembro proximo futuro, e isso de versar sobre qualquer erro, ou sobre a annullação de qualquer trimestre ou trimestres a que tenham direito, por não terem exercido a sua industria, pro fissão ou officio em algum d'elles no corrente anno; e as 2.^{as} desde 15 a 20 do dito mez, e póde versar sobre qualquer verba da contribuição respeitante a predios urbanos, que tenham ficado devolutos durante alguns mezes n'este mesmo anno.

Para que chegue ao conhecimento de todos se passou o presente e outros para serem affixados nos logares do costume.

Braga 19 de novembro de 1877.

O Presidente das juntas

(618) Manoel Joaquim Penha Fortuna.

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito d'esta comarca de Braga, e cartorio do escrivão do primei-

ro officio. José Firmino da Costa Freitas, correm editos de 30 dias citando e chamando a todas as pessoas incertas que se considerem com direito e acção a uma propriedade chamada—Campo das Portas Novas, e matto junto—sita no logar de Mouquim, freguezia de S. Pedro d'Este, d'esta comarca, a qual havia sido enca-beçada no inventario de menores a que se procedeu por fallecimento de José da Silva, morador que foi no dito logar de Mouquim, freguezia de S. Pedro d'Este, no co-herdeiro José de Barros do mesmo logar e freguezia, a qual propriedade foi arrematada em hasta publica por José Francisco da Costa Oliveira, d'esta mesma cidade pela quantia de 323\$500 reis, nos referidos autos d'inventario, para na 2.^a audiencia d'este juizo posterior ao prazo dos editos que começará a correr depois do 2.^o annuncio na folha official, verem accusar as citações, e ahí marcar-se-lhes mais tres audiencias para dentro d'ellas opporem o que tiverem sobre o producto em deposito, sob pena da mesma se julgar livre e expurgada de todo e qual quer onus ou hypotheca, para o arrematante Declarando que as referidas audiencias se fazem ás segundas e quintas-feiras de cada semana, excepto nos dias santificados ou feriados em que se transferem para os seguintes, que ainda o não sejam tambem.

Braga 16 de novembro de 1877.

O escrivão

José Firmino da Costa Freitas.

Verifiquei.

(619) Adriano Carneiro Sampaio.

LOTERIA DE LISBOA

LOURENÇO MARQUES D'ALMEIDA

Com estabelecimento especial de loterias, affiançado no governo civil do Porto.

RUA DAS FLORES, 112 a 114, PORTO.

N'este feliz e muito conhecido estabelecimento, continua a encontrar-se sempre á venda, os bilhetes e mais fracções, os quaes se vendem pelos preços mais modicos possivel.

Satisfazem-se promptamente para as provincias, quaesquer encomendas que sejam feitas, vindo acompanhadas da sua respectiva importancia, em vales do correio, ou estampilhas do mesmo, ou ainda, em quaesquer bilhetes que n'outras extracções hajam sido premiados, mesmo que não tenham sido comprados n'este estabelecimento; e depois de cada uma extracção, remette-se (gratuitamente) a lista geral dos premios a todos os freguezes.

Igualmente se satisfazem encomendas para o Brazil, em pequena ou grande quantidade.

Em quaesquer terras do reino, onde este estabelecimento não tenha correspondentes privilegiados, se aceitam correspondentes mediante as condições usuas.

Este estabelecimento, que bem pode dizer-se um dos mais felizes do Porto, tem sempre vendido grande numero de premios, pelo que se torna recommendavel.

Lista dos premios maiores vendidos n'este estabelecimento desde o principio do corrente anno, até fim de setembro ultimo:

N.º	Extracção	Data	N.º	com	Valor
22. ^a	1. ^a	1 de fevereiro	4018	com	100\$000
23. ^a	9. ^a	"	1866	"	10 \$000
28. ^a	27 de março	"	1207	"	100\$000
30. ^a	14 de abril	"	1860	"	100\$000
31. ^a	24	"	1228	"	100\$000
32. ^a	2 de maio	"	2253	"	100\$000
33. ^a	11	"	2258	"	100\$000
34. ^a	19	"	2012	"	5:000\$000
35. ^a	29	"	1179	"	400\$000
36. ^a	5 de junho	"	2289	"	1.000\$000
37. ^a	23	"	172	"	100\$000
38. ^a	12 de julho	"	1932	"	100\$000
39. ^a	21	"	4014	"	5:000\$000
40. ^a	1 de agosto	"	1871	"	100\$000
41. ^a	12 de agosto	"	177	"	100\$000
42. ^a	21	"	2032	"	6:000\$000
43. ^a	30	"	2004	"	100\$000
44. ^a	1 de setembro	"	2299	"	200\$000
45. ^a	10	"	1347	"	100\$000
46. ^a	19	"	1248	"	100\$000
47. ^a	28	"	1735	"	100\$000
48. ^a	7	"	3761	"	100\$000
49. ^a	16	"	2341	"	200\$000
50. ^a	25	"	1076	"	100\$000

(614)

ALCATRÃO BARBERON

Unico que contém todos os principios balsamicos e aromaticos de Alcatrão de Noruega. Nos fortes calores e nas mudanças de estação, impede que a agua se corrompa: é uma bebida hygienica e preservadora de molestias epidemicas. — Dose: uma colherzinha n'um copo d'agua acrescentada a bebida ordinaria. — Preço 400 reis.

ALCATRÃO RECONSTITUINTE BARBERON. Com chlorhydrophosphato de cal. Consumpção, molestias do peito, tísica, anemia, dyspepsia, rachitismo, molestias dos ossos, das mulheres e das crianças. — Preço: 500 reis.

ELIXIR FERRUGINOSO BARBERON. Com chlorhydrophosphato de ferro. — Reconstrue o sangue sem causar o estomago. Muito agradável, digestivo e tonico. — Preço: 800 r.

FOGO BARBERON PARA OS CAVALLOS. Substitue o ferro candente sem destruir o pelo. Exito infallivel e facil applicação. — Preço: 950 reis.

Depositos: BARBERON & C^{ia}, en Châtillon-sur-Loire (Loiret), França. Em Lisboa, snr. Barreto, rua do Lorêto, n.º 28—30.

(:—28)

BREVIARIO ROMANO

Acaba de sair á luz a nova desde tanto tempo anhelada edição do Breviario Romano e Lusitano, de que é editora a Imprensa Nacional de Lisboa. Mais de meio seculo decorrido depois da ultima edição portugueza, a multiplicidade de novas rezas n'este intervallo publicadas, varias outras determinações de Roma, e mesmo alguns melhoramentos attinentes á maior commodidade do Clero, altamente reclamavam uma nova edição, que cabalmente satisfizesse a todas estas condições. E a todas, parece-nos satisfazer a que nos comprazemos de annunciar. O exc.^{mo} snr. Conselheiro Administrador Geral d'aquelle estabelecimento póde gloriar-se de nada ter omittido, melhor, de tudo haver emprehendido para que a presente edição em cousa alguma desmentisse o alto conceito da Typographia editora, tanto em ordem aos trabalhos typographicos, e demais annexos, quanto em relação ás disposições canonicas, a cujo dominio pertence exclusivamente a direcção organica d'esta e de simillhantes publicações, propriamente ecclesiasticas ou religiosas.

O referido exc.^{mo} snr. Conselheiro Administrador Geral, guiado pelos sãos e rectos principios da justiça (em que consiste o verdadeiro progresso), que dá a cada um o que é seu, antes do começo da impressão do Breviario, solicitou, e obteve do Eminentissimo snr. Cardeal Patriarcha D. Manuel, a indispensavel licença por escripto, nomeando ao mesmo tempo um ecclesiastico de sua confiança para em seu nome vigiar pela canonicidade, integridade e correção d'esta nova edição; e auxiliado pela decidida dedicação, empenho e vontade de ferro do designado ecclesiastico, vencedor tenaz de não poucas e graves difficuldades, póde usar-se de publicar uma edição modelada por outra saída dos prelos do insigne Typographo Romano Salviucci, em cuja ultima pagina se lê: *concordat cum originali existenti penes Congregationem Sacrorum Rituum. In fidei A. J. G. Fatati S. R. C. secret.,* e além d'isso enriquecida e augmentada com varias declarações, e algumas addições emanadas da mesma S. C. posteriores á dita edição de Salviucci; e de mais a mais cotejada em tudo o que é Escripural com a Biblia correcta por Sixto V, e publicada sob o Pontificado de Clemente VIII, pela Typographia Vaticana em 1592 escolhida expressamente pelo já mencionado snr. Cardeal Patriarcha D. Manuel, de saudosa memoria.

E' portanto uma edição pura e absolutamente Romana, expurgada de não poucas rubricas bastardas, e adicionadas ás Romanas. Tambem os Codices das Dioceses do Reino e Dominios foram notavelmente melhorados, achando-se na presente edição enriquecidos de varias rezas, antifonas, hymnos e orações proprias, que ha mais de oitenta annos lhes haviam sido concedidos, e só n'esta edição apparecem pela vez primeira!!! desaparecendo d'ella outrosim um espurio—*si desit*—que por tantos annos por vinte lustros!!! não só as manchára, mas tambem fóra um eloquente protesto contra a imperdoavel incuria e indisculpavel preguiça dos editores e revisores das anteriores edições, e não ser de mais quem...

Consta-nos igualmente, que todas as recommendações e determinações dos exc.^{mos} e revd.^{mos} Prelados foram pontualmente cumpridas, e se, por terem (algumas) chegado fóra de tempo, se não consideraram nos seus proprios logares, lá se acharão em appendices, ou em outros pontos, para, quando for tempo, serem mais convenientemente colladas.

E n'este logar occorre-nos recommendar a todo o respeitavel Clero que não perca de vista os respectivos Indices das Dioceses, aonde verão indigitadas as suas provisórias collocações.

Em conclusão, podemos asseverar, pois que examinámos minuciosamente os quatro grossos volumes de que se compõe o Breviario Romano, em que a presente edição reúne as condições necessarias para se dizer e ser estrictamente canonica: foi iniciada por auctoridade do Prelado Ordinario; foi modelada por uma edição Romana approvada pelo Juiz competente, a S. C. dos Ritos; nada lhe falta relativamente ao serviço choral do Clero Portuguez; é finalmente a approvada, e auctorizada a sua publicação pelo actual Eminentissimo e revd.^{mo} snr. Cardeal Patriarcha em data de 30 de janeiro do anno corrente. Enquanto á sua correção, quer debaixo do aspecto liturgico, quer do grammatical, cremos que tambem pouco deixará a desejar.

Finalmente, para destruir alguma duvida que possa suscitar-se relativamente ás orações de S. Marçal, Bispo e Confessor, e da Santa Iria Virg. Mart. em alguma ou algumas Dioceses, devemos dizer, que, segundo nos inforamaram, as orações inseridas no Breviario estão approvadas pela S. C. dos Ritos em 9 de dezembro de 1875.

Lisboa, 1876.

Vende-se em Lisboa na Imprensa Nacional, em casa dos seus commissarios e nas livrarias do costume. Preço, em papel, 7\$200 réis fortes. Em Braga no commissario da Imprensa Nacional Eugenio Chardron.

(615)

Arrematação

O Commandante do destacamento de cavallaria n.º 7 estacionado em Braga, faz publico que no dia 26 do corrente mez, por 10 horas da manhã, no seu quartel se ha de proceder á arrematação dos estremes produzidos pelos cavallos do dito destacamento desde 14 do corrente mez, até á epoca em que recolher ao corpo.

Quartel em Braga, 20 de novembro de 1877.

Cypriano Augusto Rodrigues

(620) Alferes.

O Rheumatismo

Cura-se radicalmente com a «Pomada Dumont» que se vende no Deposito de Drogas e Productos Chimicos de J. J. R. dos Santos, na rua do Amparo, 22, Lisboa.

N. B. Só se garante a vendida alli, pois todas as caixas devem levar a marca da casa, para as pessoas que não obtenham resultado, ser-lhes entregue o seu importe.

(617)

PROFESSOR DE COMMERCIO

Acaba de chegar a esta cidade um professor com muitos annos de pratica de ensino do curso completo, etc.

Tambem lecciona só qualquer das disciplinas, como: escripturação mercantil geral ou especial, contabilidade commercial,

systema monetario e cambial, metrologia universal; geographia, historia e direito commercial; algebra, economia politica, desenho, calligraphia, linguas, etc.

Está aberta a matricula até ao 1.^o de dezembro, dia em que se inaugurará o curso.

Preço em classe—2\$500 | Curso diurno
Particularmente—4\$500 | e nocturno.

Rua do Conselheiro Januarario, 31.
(622)

CREADA

Para casa de pouca familia precisa-se de uma creada, já de idade adiantada, e de bom comportamento.

Falle á rua do Alcaide n.º 4, das 3 ás 5 da tarde.

COUPON PRIMA

A IMMACULADA CONCEIÇÃO

Exemplares.

União Parisiense de Bellas Artes

BOULEVARD DE LA MADELEINE, 17, PARIZ

Representante em Madrid

Olivar, 6—2.^o

Valido até 17 de dezembro

Valido até 17 de dezembro

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1877.